

EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: A INVENÇÃO DE SI

**Francisco de Assis de Sousa Nascimento – FAP PHB
Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI**

Para compreensão do objeto de investigação, faz-se uma reflexão inicial a respeito dos dados da pesquisa, já que tratam de depoimentos, produzidos pela mediação de um pesquisador, pela utilização de instrumentos tecnológicos e pela evocação de memórias de atores sociais, levando-se em consideração todas as variáveis intervenientes e as intenções do pesquisador e dos depoentes. Nesse sentido, lidando com história oral e a invenção de si, os dados são registros “dados” e socializados, necessários aos processos de desvelamentos da concepção histórica, como história vivida e armazenada pela memória, seja em lápides ou pela consciência humana, pelo esforço de suscitar ou esquecer os fatos, pertencendo às instituições ou às pessoas ao mesmo tempo, os dados são de todos, numa relação de elucidação do passado e compromisso com compreensão da história do tempo presente.

A realização da pesquisa, que inicialmente se propunha a reconstituir a memória e história dos cursos de Teologia e Filosofia do “Estudantado” Capuchinho, na cidade de Parnaíba, teve sua estrutura definida pela técnica de apresentação dos dados, quando se propôs a reunir os ex-professores e ex-alunos para que exercitando suas memórias, reconstituíssem suas trajetórias de vida e formação, de forma oral, produzindo para tanto uma história oral por meio da história de vida. Faz-se necessário que se esclareça o motivo da classificação da técnica como história de vida e não como depoimentos pessoais. As histórias de vida assim como as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias que compõem a história oral, segundo Maria Izaura P. de Queiroz “é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito dos fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação se quer completar” e ainda no tocante a história oral, Paul Thompson (1992) nos esclarece que:

a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e

alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na própria história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – **pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história num lugar fundamental, mediante suas próprias palavras** [grifo meu].

Assumiu-se assim o compromisso de por meio da História Oral, além de evidenciar as fontes primárias, devolver aos atores de um passado não distante a possibilidade de estarem de volta ao cenário educacional, representado aqui por meio das lembranças que compõem a sua história de vida.

No entanto existe uma diferença entre história de vida e depoimentos pessoais que está na técnica de agir. Segundo Bosi(1987):

nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Em contatos com outras fontes documentais, um primeiro dado que evidenciamos, ofertado pelos livros memoriais que integravam a cultura escolar dos capuchinhos, nos esclarece que, após a Segunda Grande Guerra Mundial os frades italianos, no ano de 1946, tendo como provincial da Ordem Frei Honório, iniciaram a construção de uma Instituição para estudos na cidade praiana de Parnaíba, estado do Piauí, idealizada para se tornar um “Estudantado”ⁱ Teológico, sendo sua concretização executada por Frei Francisco de Chiaravalle(1940 a 1949), no superiorato de Frei Heliodoro de Inzago. O “Estudantado” Teológico foi transferido para Parnaíba, por ocasião da inauguração do novo prédio em 08 de dezembro de 1949, no governo de Frei Cesário de Colognola, que oficiou a celebraçãoⁱⁱ. Por disposição da Custódia Provincial é transferido para Parnaíba, também, o Curso de Filosofia, e juntamente a Tipografia e Redação da Revista Estudantil Frei Mansueto, considerada pelos docentes e discentes como grande instrumento de formação cultural.

A máquina tipográfica e os exemplares da revista *Frei Mansueto* que foram produzidos por jovens postulantes da vida monástica, acadêmicos de teologia e filosofia que teria durante o seu período de funcionamento exercido uma forte influência em sua formação, por meio da produção, impressão e divulgação da produção de uma cultura escolar material, que por sua vez, também reflete elementos da cultura imaterial, expresso, especialmente nos valores e crenças subjacentes ao processo de educação formal.

Nessa experiência educativa o processo formativo era demorado e reforçado intelectualmente ao longo da vida, por meio de encontros de formação, retiros espirituais, capítulosⁱⁱⁱ, atualizações, concílios, reuniões, conferências, entre outras formas. Todas as práticas eram coordenadas, disciplinadas e primavam pela educação dos gestos e do corpo, visando marcar e construir um corpo sacro. Assim, portanto também havia uma contínua educação do corpo, numa perspectiva holística e espiritual, formando permanentemente o homem na sua totalidade, constituindo-se uma memória presente na própria representação do corpo educado. Para Myriam Santos.

A memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o espaço da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações.

A memória é componente constituinte da pessoa humana, em uma íntima relação com sua história, seus valores e crenças, portanto a invenção de si passa, eminentemente pela relação do indivíduo com sua memória, individual e coletiva, pelo desenvolvimento dos processos cognitivos e por sua manifestação no cotidiano e nas relações sociais. Para Heller (2000), “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*[...]. Nela colocam-se ‘em funcionamento’ todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”.

A proposta de ensino franciscana iniciava com o ingresso livre e espontâneo à Ordem e recebimento pelo aspirante do hábito, roupa usada pelo estudante que se assemelhava àquela usada pelo fundador da Ordem: Francisco de Assis, canonizado pela Igreja católica, venerado por uma grande quantidade de devotos no Brasil e admirado por outra tão significativa quantidade de pessoas no mundo inteiro. Personagem

inspirador de um estilo de vida que associa os elementos espirituais à natureza, compreendendo que a única condição do homem é a de criatura, que o faz ser efêmero, limitado e mortal.

Os estudos se davam em conventos, muitos deles distantes dos pequenos centros urbanos que havia no Brasil no período colonial e imperial, construídos entre serras, em estilo românico, arquitetura que predominava nas edificações franciscanas na Europa e no Brasil. O local era dividido em salas de estudos, biblioteca, oficinas, celas ou claustros, refeitório, área de recreação e ao centro a capela que simbolizava e significava a convergência de toda ação educativa.

As atividades diárias iniciavam com o raiar do sol, quando se realizavam coletivamente as orações diárias, seguidas pelas aulas que cumpria todo um ritual humano e divino. Projetava-se no lugar uma atmosfera de reflexão semelhante aos jardins dos filósofos ou às primeiras universidades medievais com sua área de inspiração sacralizada, geralmente iniciada com uma oração, o que exigia dos docentes, abnegação estremada aos instintos do corpo e a pureza da mente. A castidade dos docentes que era obrigatória na Idade Média pelos docentes das Universidades Medievais era assumida, menos por imposição e mais como opção de vida, já que a quase totalidade dos professores também era constituída por frades consagrados com o sacramento da ordem ou por irmãos, que faziam opção pela não consagração, portanto faziam os votos de obediência, pobreza e castidade, segundo os princípios da ordem, mantendo assim todo seu ser preparado para assumir integralmente o trabalho de educação na fé.

Algumas casas eram sustentadas pelo trabalho realizado pelos frades, ligados geralmente a terra, ou pela venda de objetos considerados sagrados, que também eram confeccionados por eles, como rosários, terços, imagens esculpidas, taus etc., mas geralmente seu sustento resultava da mendicância, já que se constituía ordem mendicante, a exemplo do seu fundador.

Os estudantes liam em latim, italiano e/ou português, esta última forma, quando se tratava de obras traduzidas e reproduzidas manualmente no Brasil e quanto às celebrações da Palavra ou Eucarística, eram presididas por um frade consagrado, já que professavam votos perpétuos, sendo que o ministro da celebração se posicionava de frente para o altar e de costas para a assembléia^{iv}.

Para eles, o momento da celebração eucarística era o momento da evocação de memória do sacrifício, entrega do corpo e sangue do Filho de Deus para salvação dos

homens. A concepção de pecado e punição perpassa toda prática educativa franciscana. Assim, deveria se constituir a identidade do franciscano, alguém capaz do sacrifício pessoal, inclusive da incorporação das estimas, as marcas no corpo que se assemelhavam às do Cristo eternizado no madeiro.

Os franciscanos valorizavam a liberdade e se apartavam de todas as formas de prisão, inclusive a posse de bens pessoais. O que adquiriam pertencia à fraternidade. Seu corpo também não os prendia, suportavam sacrifícios e sofrimentos de toda ordem, passavam dias em jejum e em conseqüência, muitos eram acometidos por patologias oportunistas, que encontravam organismos frágeis, o que para eles era digno de louvor, pois assim estariam bem mais semelhantes ao chagado Francisco estigmatizado e ao próprio fundador da cristandade e quando da visita da “irmã” morte, a acolhiam com muita alegria. Aprendiam a conviver com a morte de forma serena e terna.

Para Halbwachs “o indivíduo ao se comportar como membro de um grupo, contribui para evocar as lembranças que o grupo conseguiu selecionar”. Nesse sentido, a memória é seletiva e diz respeito à vida da cada grupo em particular e contribui para informar construções identitárias destes indivíduos e grupos.

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes caracteriza os fazeres da educação, fazendo de cada aluno o alvo e ao mesmo tempo o veículo de preservação dos valores do grupo. O grupo passa a ser o referencial de pertença ao contexto de inserção nos esquemas que comunicam certas identidades, enquanto que o processo educativo estabelece condutas e simitudes^v que aproximam e distanciam os sujeitos. Para Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional.

Os estudantes que deveriam compor a primeira turma desse modelo de formação eram em número de oito, sendo o grupo constituído dos freis: Frei Pacífico, Egídio e Timóteo, Higino, Jeremias, Natal, Abel e Casemiro. Os três primeiros já haviam feito o primeiro ano de filosofia em “Rivotorto”, Messejana, estado do Ceará.

Ao se saber da chegada dos visitantes à cidade o povo devoto preparou uma grande festa para inaugurar o Convento. Os Superiores aproveitaram o ensejo e

proporcionaram um passeio espalhafatoso para os seminaristas de Messejana. A viagem assim é narrada por Frei Pacífico:

Em novembro de 1948, deslocou-se para Parnaíba, num pau-de-arara, uma caravana de frades. Fretado um caminhão começou a grande aventura. Atingir Parnaíba rodando pelas estradas carroçais, que faziam o Piauí parecer mais ainda o **fim do Mundo** [grifo meu]. Assumiu o comando da excursão Frei Francisco de Chiaravalle, um frade agigantado que robustecera seu corpo imenso nos campos de batalha na Itália, e bronzeara sua pele milanesa na construção do Convento, onde os estudantes compoem a primeira turma iam inaugurar. Sua austeridade prática adequava-se muito bem com a situação desafiante que iriam experimentar naquela viagem. Um caminhão engonçado. Provisão alimentar, basicamente queijo e rapadura. Os bancos transversais feitos de tábuas que machucavam em cada buraco que os pneus enfrentavam e uma turma de crianças que nunca havia viajado, nem sequer de ônibus, tornavam a aventura inesquecível. Dormiram em Tianguá e muito cedo partiram enfrentando a estrada esburacada. Às 14h o molhe de crianças cansadas, famintas e exaustas paráramos à sombra de uma verde tamareira para almoçar. Chegáramos à cidade de Piracuruca um verdadeiro oásis na paisagem tórrida que atravessamos. Felizmente o programa da refeição que fora programado para consistir em pão, queijo e rapadura até o término da viagem, pode ser alterado pela generosidade dos pais de um seminarista de Piracuruca, onde se achava Frei Fidélis. A ração foi enriquecida com a carne e arroz quentinhos que a mãe do Frei preparou generosamente. Lembro-me ainda da cena, quando nosso caminhão parou debaixo de grande Tamareira, no centro da minúscula cidade de Piracuruca. O povo se aglomerando para ver aquele espetáculo estranho. Frades barbados que eles já tinham visto nas santas missões, mas nunca tantos jovens adolescentes que começaram a ficar homens e um bando de crianças, umas pálidas, outras exaustas da viagem, todas envolvidas naqueles hábitos de São Francisco com um cingulo amarrado na cintura e sandálias em seus minúsculos pesinhos. Era como se tivesse **chegado um circo ou uma banda de música** [grifo meu] houvesse invadido a cidade. Após viagem que durou dois longos dias, e **entrou no calendário de nossas vidas** [grifo meu] como a viagem mais longa da história do Seminário.

Destacando algumas impressões da narrativa, ver-se inicialmente uma construção imaginária que tinham do Piauí como fim do mundo, marcando o significado da viagem para um lugar desconhecido e distante, inclusive para alguns, como afirmação na evocação de memória que nunca havia viajado. Outro elemento lembrado foi a generosidade da mãe de um seminarista chamado Fidélis. Embora a lembrança do nome da generosa senhora não fosse evidenciada, sua referência se dá em função do filho, como confrade e integrante da ordem. Na cidade de Piracuruca onde foram acolhidos causou-lhes surpresa a atenção da população, o que simbolizaram como expressão da chegada de um circo ou banda de música e a importância memorial, expressa pelo fato que a data passaria entraria no calendário de suas vidas.

Em relação à formação docente, das entrevistas realizadas e nas pesquisas em documentos, informam a formação teológica e filosófica dos professores, com titulação

de mestre e doutor em diversas áreas como dogmática, exegese bíblica, moral etc. Por ser uma formação ministrada por franciscanos italianos, muitos deles, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial puderam cursar em nível de pós-graduação cursos na Europa e ter acesso às produções mais atualizadas do conhecimento, o que transmitiam para seus alunos nos cursos implantados pela Ordem nos lugares por onde pregavam.

Sobre a formação dos professores nos afirma orgulhosamente Pacífico Holanda:

Foram destinados à Nova Fraternidade de Parnaíba os frades considerados os mais competentes, em termos de conhecimentos teológicos com que, Frei Heliodoro continuou como superior e Frei Marcelino juntamente com Frei Davi complementavam a congregação dos professores, sendo Frei Arialdo o Diretor dos teólogos.

Os professores ministravam várias disciplinas em ambos os cursos, o que não lhes impedia de se tornarem referência de conhecimento em áreas específicas, como foi o caso do professor frei Marcelino de Milão que se notabilizou por seu potencial intelectual com pleno reconhecimento pelos estudantes, como também pela elite política e econômica de Parnaíba que visitava o frade para dele receber conselho diversos.

O estudo dentro da tradição secular da vida religiosa sempre foi considerado como esteio fundamental na vida dos Conventos de Formação. Para atender a esse objetivo nossa Custódia escolheu seus melhores frades e mais competentes professores e os colocou em Parnaíba. Nossa grande estrela nesta época era Frei Marcelino de Milão. Ele atingira naquela época o ponto mais alto de sua maturidade científica. Dominava exuberantemente qualquer disciplina teológica. Qualquer matéria que os professores não se sentiam seguros passavam para Frei Marcelino que os professores não se sentiam seguros passavam para Frei Marcelino que assumia e comportava-se como Mestre. Mas a disciplina em que ele se notabilizou foi Sagrada Escritura, principalmente a especificidade mais difícil que era a exegese. Ele não se limitava a ler suas prelações, mas montava também apostilas e as multiplicava para os alunos. Além dessa cadeira ensinava também Dogmática, liturgia e história franciscana. Nosso lente de Moral era Frei Arialdo, que também era nosso Diretor. Filósofo, por índole, de inteligência privilegiada, seu gênio brilhava até nas conversas ocasionais em que se pronunciava sobre qualquer assunto. Mais do que passar a doutrina do livro que ele explicava, ele nos introduzia no mundo do conhecimento com suas intuições e observações pessoais. Em nosso elenco de professores estava também Frei Davi de Muritiba. Embora fosse muito inteligente, não possuía a bagagem teológica dos outros. Sua argúcia e apetite de aprender fazia-o dispersivo e sem profundidade. Bebericava nos vários ramos do saber, mas não transformava seus ensinamentos em sabedoria. Nas aulas de Direito canônico, limitava-se a traduzir o latim e ensinava história da Igreja sem mesmo ter lido antes o capítulo que ia explicar. Após um ano de ensino foi substituído. Poderia ser considerado ótimo se não fosse tão dispersivo. E preparava melhor suas aulas.

Dos docentes mencionados nas entrevistas, um deles foi recorrente em todas as falas e muitos carinhosamente passaram longos momentos evocando suas memórias sobre esta personalidade marcante em suas formações. Trata-se de Frei Marcelino de

Milão que foi considerado por todos os depoentes como o mais brilhante dos professores, pois somada à sua capacidade intelectual, estava também um grande talento para lidar com causas administrativas e uma maneira muito especial de cuidar dos assuntos políticos que a Fraternidade não poderia de ficar imune. Para Pacífico, “Frei Marcelino era considerado na cidade uma espécie de conselheiro da sociedade dos intelectuais”.

Um dos grandes vultos humanos mais bem dotados, que conheci pelas Fraternidades onde passei, foi certamente Frei Marcelino, nasceu em Milão, na Itália. Dotado de inteligência fora do comum preferiu ser missionário a fazer uma carreira científica nas Universidades que lhe ofereciam os Superiores. Três facetas na personalidade de Frei Marcelino me impressionaram. Sua versatilidade de mestre, sua plasticidade de Pastor e sua habilidade de administrador.

Para atuar na formação dos neoteólogos Frei Marcelino fazia uso de algumas prerrogativas como saberes, habilidades e competências, próprias dos grandes educadores, assumindo integralmente a docência no Curso de Teologia e Filosofia, com intensa produção intelectual, tanto para auxiliar a ministrar suas aulas, como também na divulgação da imprensa da cidade, pelos jornais que circulavam na cidade, como na imprensa do Estudantado, pelas revistas “Frei Mansueto” e “A Voz de São Francisco” de conteúdo com essência moral e religiosa apresentados de forma eloquente e convincente.

Sobre sua atuação como docente e como desenvolveu seu trabalho à frente da formação dos estudantes de teologia encontramos nos depoimentos algumas de suas expressões.

Como professor tinha um domínio enciclopédico de toda matéria que ensinava. Lembro-se que algumas vezes ele estava tirando dúvidas de alguma questão teológica e se acercou dele um estudante do científico em busca de uma orientação para o problema de matemática. Pediu uma pausa ao frade, resolveu o problema do garoto e retornou a sua teologia. Era admirável em todas as disciplinas que lecionava. Foi professor em Messejana e sempre foi considerado o melhor pela gurizada. Aliava a esta inteligência uma formidável capacidade de trabalho. Muito simples, nós estudantes invadíamos seu gabinete sempre aberto. Seu quarto de estudo era também seu dormitório. Sua rede nordestina estava sempre armada. Espalhados por baixo dela encontrávamos três, quatro livros repartidos e marcados, pois eram lidos paralelamente nas noites que lê roubava ao sono para estudar. Mas havia uma peculiaridade. Sua sabedoria não se contentava só com os livros. Ao lado de sua atividade de professor achava tempo para fazer pastoral. Aceitava pregações, assumia retiros espirituais e dedicava ao confessor longas horas, e muitas vezes se deslocava para bairros a fim de atender doentes. Uma das mais significativas atividades de Frei Marcelino ficou lacrada pelo silêncio. Ele era um grande conselheiro de pessoas com grandes problemas, principalmente procurado pelas famílias mais abastadas da cidade. Nele se uniam conhecimentos teóricos e decisões pragmáticas acertadas. Dessa comunhão nasceu o grande administrador, que colocou o convento de Parnaíba num estado econômico

privilegiado na Custódia. Ele substituiu Frei Heliodoro no cargo de Superior. E o fez com grande competência.

Os professores do “Estudantado” que saíam do Brasil para estudar em nível de pós-graduação em Roma eram regularmente encaminhados à Universidade Gregoriana, onde vislumbravam as formas consideradas à época, mais coerentes e adequadas à doutrinação nos Institutos e Seminários católicos:

Roma Representava para os estudos teológicos o que de mais requintado um seminarista podia desejar e, naquele oceano de grandes Universidades a Gregoriana figurava como um grande transatlântico que o Papa escolhera para conduzir os clérigos mais dedicados aos estudos. Se fossemos reunir todos os papas, cardeais, bispos e superiores maiores que conquistaram seus diplomas na Universidade Gregoriana talvez as dependências da Universidade não comportassem seus ex-alunos ilustres. Ao penetrar os umbrais daquela vetusta casa senti-me pequeno como uma criança de jardim de infância e ela pareceu-me de uma grandeza esmagadora.

O doutoramento sem sempre foi a aspiração primeira dos estudantes brasileiros. Além da titulação, havia outras motivações e a realidade circunstancial que os professores iriam se deparar, suas vicissitudes e/ou mesmo o lugar para onde os professores iriam lecionar, que em muitos casos não oportunizariam uma produção científica e o exercício da aplicação de uma tese teológica em espaços de crenças e práticas que ainda iniciavam.

Em 1959 terminei meus estudos na Universidade Gregoriana. [...] Fiz licenciatura em direito canônico [...] tive acesso ao doutorado. Minha idéia inicial era defender tese e voltar com o doutoramento para o Brasil. Mas depois de refletir muito mudei de idéia. Conclui que as canseiras de uma tese não compensariam, no meu caso particular. Estava destinado a ser um lente de Direito Canônico num Seminário de Teologia, no interior, sem nenhuma perspectiva de fazer pesquisa científica. [...] Foi destinado como local de trabalho o curso de teologia de Parnaíba.

Na época a cidade de Parnaíba, realmente apresentava em relação aos grandes centros urbanos, uma dimensão periférica e nas memórias do frade professor está implícito uma relação da formação adquirida com a dimensão do lugar, não oferecendo segundo sua afirmação maiores exigências no que se refere aos desafios pastorais, para os quais uma formação consistente é indispensável.

Os professores desempenharam, portanto um forte trabalho, no sentido de mediar a construção de novos conhecimentos, de forma a produzir pela forma como era transmitida a herança da doutrina e dos costumes as formas de convivência em fraternidade, educando pelos gestos, pelos exemplos, pelos sentimentos e fraquezas e

acima de tudo, educar pela própria vida, já que esta é a forma, compreendida por eles, mais didática de desenvolver o processo ensino-aprendizagem.

Durante as entrevistas houve uma manifestação de curiosidade dos mais jovens e por sugestão dos próprios religiosos fez-se uma sessão reflexiva que procurou pela evocação da memória dos mais experientes tornar conhecida sua história e valorizar suas memórias.

Ao tempo em que os mais idosos iam evocando suas memórias se percebeu entre os mais jovens uma sensação de reencontro consigo próprios, com suas formas identitárias, com suas trajetórias de vida e com suas próprias escolhas pessoais. Parecia que os mais jovens já exercitavam e compreendiam a importância da memória ancestral ou fundadora, não só por instaurar um lugar, mas por proporcionar uma harmonia com sua própria historicidade, o que faziam com respeito e admiração. Em intervalos de memórias mais profundas, eram evocadas situações engraçadas que no máximo conseguiam arrancar meio sorriso no rosto de todos.

Algumas informações que não pareciam claras “bem lembradas” pelos depoentes foram confirmadas por meio de livros de memórias, documentos escolares e a partilha de informações que foram recebidas pelos mais jovens ao longo de sua formação. De modo que, houve uma rememoração coletiva, criando nitidamente um esforço para produção de uma memória coletiva, típica das sociedades-memória, em um lugar que se constitui como um lugar de memória.

Em relação à vida conventual e o cotidiano Pacífico informa:

A vida num Convento Capuchinho de 1949, em termos de conservadorismo, representava continuidade numa linha de tempo que podia recuar cinquenta anos atrás. O modo de vida que íamos levar era idêntico às vezes até nos detalhes aos observados pelos frades que fundaram a Custódia. A regular observância, um conjunto de práticas, etiquetas com este nome nos documentos conventuais, consistia na missa conventual pela manhã, após uma hora de oração onde todos deviam estar presentes; reza do breviário com a presença obrigatória de todos os frades; pontualidade nas refeições, onde o alimento era consumido ou em silêncio ou ouvindo as leituras sagradas; saída do convento sob controle do Superior; silêncio em horários pré-estabelecidos; autorização explícita dos superiores para receber qualquer objeto da parte de quem quer que fosse; limitação de qualquer comunicação com o mundo exterior através de revistas, jornais, cartas que ram censuradas na saída e na entrada. Estas diretrizes básicas constavam nos regulamentos centenários que nos controlavam e eram cobrados pelos superiores com o maior ou menor rigor, dependendo de zelo e autoritarismo dos dirigentes. Quando se tratava de formação dos jovens frades, todos os mais antigos se sentiam obrigados a colaborar com os superiores. Os professores transformavam-se em fiscais naturais. Neste cipoal da disciplina vigente fazia-se a caminhada. Na verdade a grande maioria tirava de letra o percurso e encontrava espaço para ser alegre e feliz. Com o advento dos novos tempos, todo esse conjunto foi implodindo. Resultado – os velhos ficaram com seus antigos condicionamentos e tornaram-se intransigentes. Os jovens

sensíveis ao sinal dos novos tempos estão procurando engendrar uma nova observância regular e enquanto isto o rosto dos Conventos começa a ficar sem identidade cultural que durara tantos anos.

Toda esta vigilância demonstra a necessidade de ter um corpo disciplinado e ao mesmo tempo a vontade de transgredir, de enfrentar as cobranças e estimular a forma de vida de um ser religioso. Esta situação está presente na formação dos religiosos, marcadamente mediada pela vigilância dos gestos, dos modos, do falar e do silenciar, do andar e do sentar, dos momentos de orações e recolhimento, em vista de criar um indivíduo integralmente ajustado aos ditames de uma Ordem gestada a partir de crenças, ritos, formas e costumes que comunicam pelo corpo um ser religioso.

Nos livros de tombo do “Estudantado” várias vezes são citadas as viagens que os estudantes, acompanhados de seus professores faziam à praia de Pedra do Sal, a sítios e ao Povoado Morros da Mariana com suas lagoas naturais de beleza notória.

Em 29 de janeiro de 1959, os Estudantes vão a passeio nos Morros da Mariana, Na ocasião aproveitaram para conhecerem os locais isolados e de grande beleza natural, onde Frei Marcelino fez missão. Em 13 de fevereiro de 1959, volta dos Estudantes dos Morros da Mariana, após 15 dias de folga.

Estes passeios contribuía para vivência do carisma da Ordem, que a exemplo e seu fundador deveria se identificar com a natureza e em Parnaíba esta experiência era privilegiada pelos seus encantos e potencial natural. Fazia parte, portanto da formação dos religiosos o contato com os locais mais paradisíacos como o lugarejo Amarração, território cedido ao estado do Piauí em troca das cidades de Príncipe Independente e Crateús, e que quando da chegada dos frades em Parnaíba também ficou inserido em sua jurisdição eclesiástica.

Vale a pena ressaltar que nem todos os estudantes de filosofia e teologia eram consagrados. “A estimativa era que 70% era ordenado padre. Outros se tornaram professores, médicos, advogados, jornalistas e políticos de carreira”.

As aulas eram diárias, no horário diurno e intercaladas com sessões de estudos individualizados que aconteciam na biblioteca ou nos quartos individuais ou celas ou claustros, como costumavam chamar seus aposentos. As aulas podiam ser ministradas integralmente em latim como era de costume e reproduziam os modelos de docência que os professores haviam experimentado com seus lentes as Universidades européias.

Tínhamos quatro aulas diariamente. Duas pela manhã e duas à tarde. Nos intervalos entre as aulas preenchíamos com intensas horas de aprofundamento das matérias. Para isto dispúnhamos de uma biblioteca especializada e de boas revistas internacionais. Nossos livros de aula traziam a matéria em latim. Para os alunos de hoje isto pode representar uma dificuldade extra, mas para nós era uma facilidade, a compreensão ficava

mais nítida e o latim sintetizava a matéria. Nossa vida intelectual alimentava-se com leituras muito sólidas, quase todos sabiam ler em várias línguas.

Segundo os depoentes, os estudantes eram passivos e não questionavam as afirmações de seus educadores, absorvendo e procurando internalizar as informações de maneira espontânea. A presença dos estudantes deveria ser sutil e integralmente devotada aos estudos e serviços religiosos da paróquia. Cita Pacífico:

Com a inauguração do novo Convento viera uma leva de frades. Predominavam, nos recém-chegados, fisionomias jovens. Rapazes de vinte anos na última etapa de sua formação. As atividades que abraçariam relacionavam-se com os livros. Seus aparecimentos na cidade tinham sempre aspecto de ociosidade. Suas presenças mais marcantes apareciam na Igreja. Os cantos litúrgicos divulgavam música clássica muito usada nas cerimônias religiosas daqueles tempos. A reza do breviário, que precediam as missas, fazia as cerimônias mais prolongadas e mais emocionantes. Depois de algum tempo a igreja tornou-se pequena para o templo.

Os elementos didáticos que poderiam facilitar a aprendizagem dos alunos estão em todos os lugares do Convento. Todos os espaços eram educativos e as atividades litúrgicas contribuíam para que os jovens estudantes fixassem, internalizassem e praticassem cotidianamente os conteúdos estudados nas aulas.

Embora de uma forma mais amena, na formação dos teólogos e filósofos estavam os reflexos de um longo condicionamento na educação, cujas formas mais acentuadas incluíam inclusive a vigilância do corpo.

Penas como, o uso do silício, ainda eram aplicadas na segunda metade do século XX e alguns religiosos ainda, insistiam por força do hábito em usar instrumentos que mantivessem com a memória do corpo do modelo de formação. Segundo Pacífico:

A disciplina era rigorosa. Tínhamos diretores. Nós saímos para tratar de dente e éramos vigiados. Não podíamos falar com outras pessoas. [...] Houve uma desobediência de um grupo que foi punido com uma disciplina (correia de 5 pontas), mas ninguém nem cumpriu não. Era injusta. [...] Simplesmente desobedeceu. Desobediência consciente. O motivo foi uma brincadeira que fizemos. Depois de muito tempo, fomos descobertos. A turma era muito consciente e ninguém cumpriu a punição.

A experiência religiosa desenvolvida concomitante ao processo de formação filosófica e teológica produziu uma influência profunda no processo de invenção de si, construção, desidentificação e identificação dos estudantes e professores que participaram do processo de aprendizagem capuchinha e desenvolveram uma cultura escolar, com ritos, símbolos, além do desenvolvimento de saberes e habilidades. O registro de suas memórias e a reconstituição desse processo memorialístico contribuiu,

pela oralidade para compreensão das suas trajetórias de vida e sua relação com o uma historicidade mais abrangente.

NOTAS

O termo é utilizado para designar além da fase de estudos, o próprio local onde a formação se desenvolvia.

- ii Atti della Provincia Lombarda, 1950, p.118. Cf. Tombo de Guaramiranga – Crônicon, desde a fundação até 1966, p. 60. Visto que os Estudantes concludentes de Filosofia viajaram de Guaramiranga no dia 1º de dezembro de 1949 para Parnaíba, é quase certo que os Estudantes Teólogos de Messejana tenham viajado com eles no dia 1º para o dia 2 de dezembro para Parnaíba, para ajudar na preparação da Festa da Inauguração. Frei Jeremias, um da turma que fez o primeiro ano de Teologia em Messejana em 1949, confirma ter viajado no mesmo transporte com os frades de Guaramiranga, para Parnaíba. Tombo de Messejana coloca os Exames finais dos teólogos em Messejana no dia 14 e 15 de novembro de 1949; CF. Pacífico Holanda em Pedacos de Memória, p. 68, suas experiências pessoais durante o Curso de Teologia, em Parnaíba nesse período, como estudante.
- iii Assembléias nas quais apreciavam assuntos pertinentes à fraternidade, aprovavam decisões e escolhiam os provinciais e conselheiros.
- iv Tal forma de ritualização só foi modificada com as mudanças estabelecidas no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)

DEPOIMENTOS:

Entrevista gravada, concedida pelo ex-aluno e ex-professor PACÍFICO HOLANDA SOARES, ao pesquisador Francisco de Assis de Sousa Nascimento, para pesquisa de mestrado em História do Brasil – UFPI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências Humanas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2000.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SOARES, Pacífico Holanda. **Pedacos de memória**. Fortaleza, Multigraf, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

v